

## A INVISIBILIZAÇÃO DO GENOCÍDIO DA JUVENTUDE NEGRA NO BRASIL

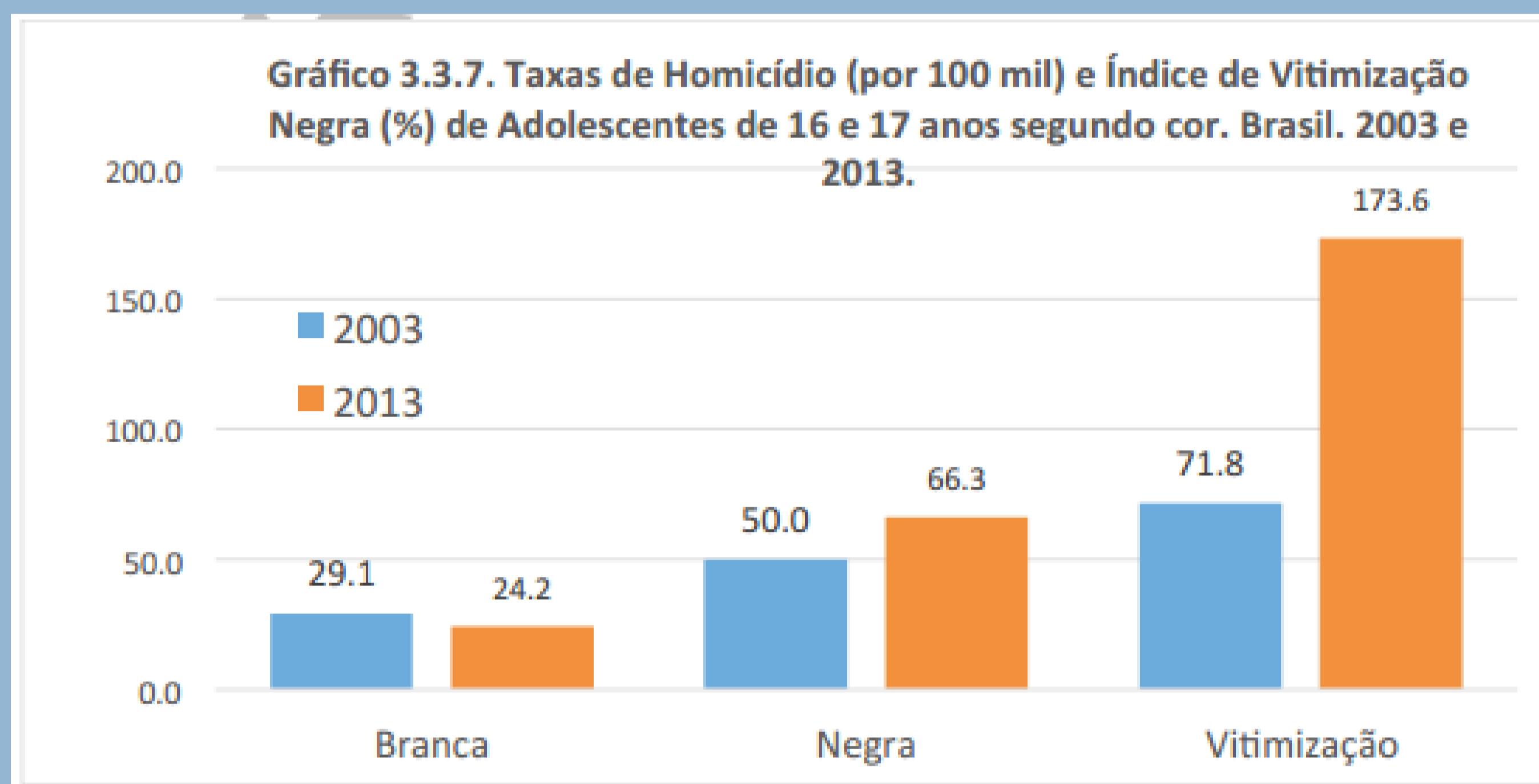
<sup>1</sup>Pietra de Lima Becker, <sup>2</sup>Henrique Caetano Nardi

### Introdução

Este trabalho está vinculado ao projeto “Racismo, relações de saber-poder e sofrimento psíquico”, desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa em Sexualidade e Relações de Gênero (NUPSEX) do Departamento de Psicologia Social e Institucional.

### Objetivo

O objetivo deste trabalho é discutir a invisibilização, principalmente no meio acadêmico, do aumento das taxas de mortalidade por causas externas (violência) especificamente na população jovem negra do Brasil e seu diálogo com os movimentos negros brasileiros e a população negra brasileira em geral.



### Metodologia

Pesquisa científica qualitativa, com referencial teórico de Michel Foucault. Foi utilizado como base o seu conceito de *biopoder*, o qual trata das técnicas de controle e manipulação, advindas do Estado Moderno, sobre as populações, proporcionando uma forma de regulamentação da vida coletiva. Realizou-se um levantamento de artigos e publicações nas plataformas Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Scielo, constando os descritores “população negra”, “genocídio”, “Sistema Único de Saúde”, “homicídio”, “família” e “jovens”. Também foi feita leitura dos “Mapa da Violência 2012: A Cor dos Homicídios no Brasil” e “Mapa da Violência 2015: Adolescentes de 16 e 17 anos no Brasil”. Por último, na busca de uma possível comparação, foram procurados (com as ferramentas Google e YouTube) discursos representativos (oriundos de fora do meio acadêmico) dos movimentos negros brasileiros e da população negra brasileira em geral, que pautassem o genocídio da juventude negra.

### Conclusão

Durante a análise de ambos Mapas da Violência, foram evidenciados dados comprovadores de uma tendência crescente da mortalidade seletiva. Houve **272.422** homicídios de cidadãos negros (representando 65,1% do número total de homicídios), entre os anos de 2002 e 2010, com uma média de 30.269/ano. Em 2013, na faixa de 0 a 17 anos de idade, morreram vítimas de homicídio 1.127 crianças e adolescentes brancos e 4.064 negros. 703 dos brancos (62,4%) e 2.737 dos negros (67,3%) tinham 16 e 17 anos de idade. Além disso, são apresentadas quedas bruscas dos números de homicídios de cidadãos brancos, nos remetendo a uma incidência completamente discriminatória das estratégias e políticas de segurança e proteção da cidadania. Apesar de tais fatos alarmantes, tornou-se visível que o tema quase não é problematizado no meio acadêmico, quando se trata de publicações. Encontrou-se apenas 10 artigos nos quais constassem os descritores informados na Metodologia. Foram vistos depoimentos de familiares de vítimas jovens, recolhidos através de estudos de caso (busca pelos descritores “homicídio” e “família”). Tais pesquisas não explicitavam em momento algum o marcador social raça/cor, o que já é suficientemente preocupante. Fica evidenciada a necessidade de: maior investimento em pesquisas científicas sobre o assunto, abordando o marcador raça/cor; aumento de debates no meio acadêmico sobre violência, racismo e saúde mental; políticas públicas dirigidas aos jovens expostos a situações de maior risco de violência, em busca de desenvolvimento do senso crítico diante do sistema sociopolítico controlador/manipulador e da visualização de novas possibilidades; e fortalecimento da rede de apoio para as famílias das vítimas jovens de homicídio.